



O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre

Janete da Rocha Machado *

Resumo: A proposta deste artigo é analisar a formação e o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, a partir do uso da região para o lazer e veraneio na primeira metade do século XX. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, à beira rio, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla do Guaíba, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias, muitas delas de origem alemã, se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio. Centrada em documentos, tais como jornais, revistas, mapas e fotografias, bem como em depoimentos orais, a pesquisa possibilitou também a produção de novos e instigantes questionamentos. Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse trabalho pretendeu não só uma análise do veraneio vivido em Porto Alegre no início do século passado, como também um estudo sobre o processo de urbanização dos bairros margeados pelo lago, entre eles, o Ipanema e a Tristeza.

Palavras-chave: Zona Sul de Porto Alegre. Veraneio nas águas do Guaíba. Urbanização e desenvolvimento.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the summer in the south of Porto Alegre's Guaiba and uses for leisure and rest in the first half of the twentieth century. Considering the waters of the lake as spaces for recreation and relaxation, the use of the site and triggered sedimented social and cultural relations that culminated with the progress of the entire region. The edge of Guaiba, for a long time, was the preferred site for Porto Alegre could not move to the coast, and this led economic development, motivated by the coming of groups aimed at leisure. In this sense, will be addressed how these families, many of them of German origin,

* Mestranda do curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Contato: janeterm@gmail.com.



appropriated the local living and living together, transforming the region into a season of rest, summer and sociability to the riverside. Centered on documents, such as newspapers, magazines, maps and photos, as well as oral testimony, the survey also enabled the production of new and provocative questions. Thus, addressing urban issues and cultural, this work aims not only an analysis of the summer living in Porto Alegre at the beginning of the last century, as well as a study on the process of urbanization of the neighborhoods bordered by the lake, including the Ipanema and Tristeza.

Keywords: South Zone of Porto Alegre. Summer in the waters of the Guaíba. Urbanization and development.

Introdução

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim, é caracterizada, atualmente, a Zona Sul de Porto Alegre. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, o local ainda ostenta nos fins de tarde, o mais bonito pôr-do-sol. Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram as praias da Tristeza e, posteriormente, de Ipanema, as preferidas pela população.

Traçando uma linha do tempo, a história da Zona Sul inicia com a doação da sesmaria a Dionísio Rodrigues Mendes no século XVIII. Na região, que corresponde atualmente à cidade de Porto Alegre foram doadas três sesmarias: a Jerônimo de Ornellas, a Sebastião Francisco Chaves e a Dionísio Rodrigues Mendes. As terras de Dionísio estendiam-se desde o arroio da Cavalhada (atual bairro Cristal) até a área Gabiroba (atual bairro da Ponta Grossa), abrangendo toda a zona balneária sul de Porto Alegre. A sede da fazenda, conhecida por São Gonçalo, ficava em Belém Velho, onde o sesmeiro vivia com sua família e agregados.

No início do século XIX, as terras onde hoje se encontram os bairros analisados faziam parte de uma imensa zona rural de Porto Alegre. Originária, portanto, da primeira sesmaria, a região vai se constituir em grandes extensões de terras, em cujas fazendas se cultivavam arroz, milho, frutas, além da criação de gado leiteiro. A irrigação pelos arroios possibilitou o desenvolvimento das atividades agrícolas, pois proporcionava fertilidade à



região. Era o arrabalde de uma Porto Alegre bucólica e solitária, margeada pelas águas do Guaíba.

A historiadora Hilda Flores, em seus estudos sobre o bairro Tristeza (FLORES, 1979, p. 44), vai dividir o desenvolvimento do local em quatro momentos distintos. O primeiro se constituiu pela fase da sesmaria (século XVIII), o segundo momento foi o da colonização por imigrantes italianos e alemães (século XIX), o terceiro, a fase balneária com o advento do trem (1900/1930) e o último, o período de urbanização (de 1930 aos nossos dias). A fase que inicia nos anos 1930, definido por Flores como o último período, foi quando se deu uma mudança de cenário, ou seja, momento em que a Zona Sul deixava para trás seu aspecto mais rural para ingressar numa era de crescimento e de urbanização. Com o passar dos anos, a região foi, paulatinamente, sendo ocupada por herdeiros do sesmeiro, todos explorando a lavoura e a criação de gado. As terras deixadas por Dionísio Rodrigues Mendes perpetuaram-se em seus filhos, genros e netos, como é o caso de André Bernardes Rangel, filho de Dionísio e, de José da Silva Guimarães Tristeza, cuja esposa era neta do sesmeiro. As terras de André originaram os atuais bairros Ipanema, Pedra Redonda e Jardim Isabel, e as de José da Silva, os bairros Vila Conceição, Tristeza e Assunção.

E, foi desta forma que a Zona Sul de Porto Alegre configurou-se, no final do século XIX e início do XX: em poucos vilarejos e algumas extensas chácaras. É desse período, o surgimento das primeiras famílias de origem europeia, sendo grande parte oriunda de imigrantes alemães. Eram grupos que aproveitavam o local, não só para o lazer e para o descanso, como também para os negócios, oportunidades que floresciam apoiadas no desenvolvimento da economia da colônia alemã.

Sandra Pesavento (1998, p. 20) afirma que eram grupos vinculados ao circuito de acumulação de capital comercial, o qual resultou na formação dos primeiros complexos industriais do Rio Grande do Sul. “Esta liderança empresarial, com origens sociais marcadas pela influência imigrante e pela presença do capital mercantil, constituiu-se basicamente de grupos familiares, entrelaçados entre si por casamentos; a partir da primeira década do século XX”.

Alguns balneários, entre eles a Pedra Redonda e a Vila Conceição, funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local.



A venda de terrenos à beira rio, a construção de lindas vivendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, bem como a melhoria nos meios de transportes se deu por grupos de empreendedores sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Sobrenomes como Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, entre outros, são lembrados, na zona sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba. É pertinente citar que, por meio da história oral e de acervos familiares, foi possível a análise de algumas famílias citadas acima.

Assim, a família do Comandante Booth foi a primeira que chegou à orla sul da cidade. Charles Edward Booth, de origem inglesa, chegou ao Rio Grande do Sul no final do século XIX, instalando-se na Pedra Redonda. Empreendedor de visão comprou uma olaria e começou a produzir tijolos para uma Porto Alegre que crescia e se urbanizava. Logo após veio a família Bromberg, cujas empresas se tornaram indústrias de ponta no estado. No início do século XX, construíram uma confortável casa de verão para a família.

Contemporâneo dos Bromberg e dos Booth, os Pabst também veranearam na região, na primeira metade do século passado. A chácara da família fazia limites com a propriedade dos Luce, onde hoje está a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul. Durante muitos anos, serviu para o lazer e o descanso de todos. Tempos depois, a chácara se transformou em um próspero restaurante familiar. Os Dreher também marcaram presença na zona sul. Pioneiros no ramo de importação e exportação de produtos alimentícios foram, igualmente, precursores na navegação fluvial, cujas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmare e Tapes.

Com o passar dos anos, outras famílias e outras residências de verão marcariam o cenário dos balneários do Guaíba. A Morada da Felicidade, propriedade da família Schmitt, é um típico exemplo de outra chácara de veraneio à beira rio. Adquirida, inicialmente, para os finais de semana e férias, transformou-se, com o passar dos anos, na residência principal da família. Com a melhoria das estradas e dos meios de transportes, tornou-se possível residir na região. Ainda compõe esse grupo de veranistas que possuíam propriedades de frente para o rio, as famílias Bins e Luce. No “canto da praia” da Pedra Redonda, encontrava-se a “Vila Nina”, um confortável condomínio familiar, o qual serviu para o veraneio da família até os anos 1960. O local era atraente e marcado por encontros familiares.



Ancorando-se nessas representações formuladas acerca da criação de um espaço de veraneios à beira rio, próprio de uma cidade que não tem mar, a proposta deparou-se com muitas possibilidades de narrativas. Entre elas, as histórias de cotidiano, de empreendedorismo, da moda, da presença do outro, que se traduz no visitante, veranista ou turista. As práticas de vilegiatura na zona sul de Porto Alegre conduziam à sociabilidades e com elas incorporavam novos padrões de comportamento, entre eles, a sensação de bem-estar adquirida em decorrência da mudança de ambiente (ares), adquirindo um caráter saudável do novo hábito.

Lazer e veraneio na zona sul

Nas primeiras décadas do século passado, a zona sul de Porto Alegre acolhia visitantes atraídos pelos belos cenários da região. A estação balneária, a qual compreendia as praias da Assunção, Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, entre outras, passou a significar o lugar onde se passava uma temporada de veraneio. Os banhistas vinham sempre. Alguns sozinhos; outros, acompanhados das famílias, porém todos se juntavam no lugar comum: à beira da praia. E era grande a expectativa daqueles que chegavam para as temporadas de banhos, de descanso e de diversão.

É importante evidenciar que a partir do convívio de famílias nesses balneários, em um determinado período do ano, desenvolveu o local, criando espaços públicos e privados, destinados ao recreio das famílias. Surge em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier vai chamar de “a dinâmica produtiva do lazer” (DUMAZEDIER, 1979, p. 25), ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier (Ibid., p. 94) define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se:

O lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sócio-políticas, sócio espirituais.

Para entender como procede a questão do lazer nas sociedades ocidentais, torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos, em



especial o tempo do trabalho e o do não-trabalho. O tempo do não-trabalho seria o tempo livre, no qual o tempo do lazer estaria inserido. Assim, Dumazedier vai entender o lazer como um fenômeno que surge num período específico da história da humanidade. A partir da Segunda Revolução Industrial (século XIX), com a automação dos processos produtivos, ocorre uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem do lazer e do descanso. Muitas vezes, esse lazer vai estar associado a estadas em lugares aprazíveis como as praias. E era isso que buscavam as famílias porto-alegrenses quando se dirigiam aos balneários do Guaíba: lazer à beira rio. Conforme Joana Schossler,

A mudança de ares, a ida ao campo e as próprias viagens deram origem à vilegiatura, prática que consistia na ida até um local previamente determinado durante a temporada, que na Europa dividia-se entre estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e parte do outono). (SCHOSSLER, 2010, p. 20)

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes. Para Sevcenko, os grupos buscam, a partir do início do século vinte, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. “A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias, dos papéis sociais e das reservas de conduta” (SEVCENKO, 1998, p. 563).

Desta forma, a prática de banho, no Guaíba, criou a necessidade da residência de veraneio, também conhecida por segunda moradia. Porém, somente aos mais "endinheirados" era permitido tal conforto. É desse período a procura por imóveis na região, desenvolvendo-se, assim, além da economia, um espaço de sociabilidades. A praia funcionou como um espaço de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade porto-alegrense da época. Sobre esse tema, discorre Maria Helena Luce Schmitz (2013, p. 162):

Algumas famílias, amigas entre si, possuíam residências de verão na Pedra Redonda. Trocar as altas temperaturas do centro da cidade por suas casas voltadas para o rio era uma verdadeira benção, com direito a banhar-se nele diversas vezes conforme o calor que fazia. (...) Veranear na 'Pedra' era sinônimo de confraternização geral; desde os adultos às crianças, todos tinham o que fazer. Andavam de pés descalços, se empoleiravam nas



árvores, jogavam futebol, aprendiam a andar de bicicleta, enfim, inventavam brincadeiras de todo tipo, sempre entremeadas pelo gosto de uma boa conversa.

No condomínio familiar da Vila Nina, situado na Pedra Redonda, limites com a Vila Conceição, existem ainda alguns chalés muito antigos que remetem a um tempo áureo de veraneio à beira rio. A moradia mais antiga da propriedade, erguida no final do século XIX, pertenceu ao casal Augusta e Frederico Linck, os primeiros veranistas do local. Contam seus descendentes que as terras foram adquiridas por Frederico, atendendo a um pedido de sua noiva Augusta. Desejosa de um lugar à beira rio, não só para o descanso, mas também para estar próxima às suas amigas, Augusta teria recusado, na ocasião, uma joia valiosa, pois preferiu terras na zona sul. No passado, chácaras e vivendas, como as da família Linck, serviram para o lazer e o descanso às margens do Guaíba. Casada com um dos netos de Frederico Linck e sobrinha do Intendente de Porto Alegre, Alberto Bins, Helga Bins Luce lembra:

As pessoas não iam muito para as praias de mar. Era muito longe e não havia estradas. Aqui se podia tomar banho de rio. Todo mundo usava o rio para banhos. Eu morei algum tempo aqui e meu marido chegava do trabalho e tomava banho à noite. A água que vinha para dentro de casa era do rio. Era água boa. Então a gente levava sabonete e toalha e se banhava na praia. Para uso da cozinha, havia um poço no pátio. Tu sabias que tinha um trapiche? Os vapores vinham até ele. E aqui ao lado, nossos vizinhos eram os Pabst. A família dos Pabst era ali onde hoje é a Sociedade de Engenharia. Havia um lindo chalé de veraneio na propriedade dos Pabst (LUCE, 2013, [s.p.]).



Figura 1: Helga na praia (fundos da chácara Vila Nina)/1940.



Fonte: Acervo da Família Luce.

Os Pabst, de que fala Helga, ficaram conhecidos pela fábrica de gravatas e espartilhos “Pabst & Cia” situada em Porto Alegre. No início do século XX, a convite de Charles Booth (imigrante que já residia na região), Joahnn Pabst adquiriu terras às margens do Guaíba, as quais ficaram conhecidas como a Chácara Pabst (atual SERGS). Oriundo da região da Baviera na Alemanha, Joahnn construiu, na zona sul, uma confortável casa de veraneio para uso da família e dos amigos. Em torno de 1920, com a falência do patriarca e dos negócios (pelo desuso dos espartilhos), seu filho Lothário construiu um restaurante nas dependências da residência. “Com Johann já falecido, o seu filho mais novo e nascido no Brasil, Lothar Pabst (meu pai), forçado pelas circunstâncias, abriu ali o restaurante. O nome de meu pai foi abasileirado, quando ainda muito jovem, para Lothario – com 'h' e sem acento” (PABST, 2013, [s.p.]). Para Maria Helena, o restaurante dos Pabst “era um local bucólico e muito atraente, com música ao vivo e refeições de dar água na boca” (SCHMITZ, 2013, p.162).



Figura 2: Garçons do restaurante Pabst/1926 (Lothário sem gravata).
Fonte: Acervo da Família Pabst.

Charles Edward Booth, o comandante que propagandeou a zona sul para Joahnn Pabst, descobriu a região ainda no século XIX. Ex-integrante da Marinha Mercante da Inglaterra, Booth comprou uma vasta área que ia desde a beira do rio até a Cavallhada, onde hoje estão os bairros Pedra Redonda e Jardim Isabel. Após descobrir uma mina de argila nas imediações da atual sede da AABB (Avenida Coronel Marcos), Charles edificou ali a sua olaria. Os tijolos (marca três estrelas) fabricados na olaria dos Booth eram transportados até o



centro de Porto Alegre pelo Guaíba. Em 1898, foram utilizados para a construção do Paço Municipal. Para o escoamento da produção havia, na beira do rio, um trapiche construído para esse fim. Rita Brugger (2013, [s.p.]), bisneta do comandante, conta sobre o que restou do trapiche e recupera as brincadeiras de sua infância dentro d'água:

Nosso bisavô Charles foi o primeiro na Pedra Redonda. Ele comprou muitas terras aqui. Os tijolos três estrelas (marca Booth) eram transportados em tróleis sobre trilhos até a ponta de um trapiche, onde eram carregadas chatas que levavam o material para o cais do porto. Quando a olaria encerrou suas atividades, a madeira do trapiche foi vendida para um cidadão que tentou arrancar as colunas do fundo do rio. Como elas não cederam, e o guindaste virou, o tal cidadão resolveu serrar as colunas no nível da água. Os tocos permaneceram lá até a década de 1960 e causaram vários acidentes com lanchas que não conheciam o local. (...). Eu e meus irmãos e todos os amigos, residentes e veranistas da Pedra Redonda, cada um tinha o seu toco. A gente ficava durante horas pendurado dentro d'água, conversando. No verão dava pé no último toco do fim do trapiche, era o maior, o mais grosso. Mas, geralmente, a gente tinha que nadar até lá.



Figura 3: Mapa dos balneários da Zona Sul e o trapiche do Comandante Booth.
Fonte: Ilustração de Rita Brugger/2013.

Era comum, naqueles tempos, as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos lugares de sociabilidades, como os clubes, as festas e, no verão, a beira do rio. E foi isso que aconteceu com os Booth e os Bromberg, conforme relata Rita:

Ainda no século dezenove, as colônias alemã e inglesa em Porto Alegre se davam muito bem, o que fez a “alemoada” frequentar a residência dos Booth nos fins de semana. Assim, Waldemar Bromberg conheceu Dorothy Booth, uma das filhas de Charles, com quem se casou e teve cinco filhos (BRUGGER, 2013, [s.p.]).



Abrangendo os mercados não só do Brasil, como também do exterior, a firma Bromberg & Cia figura entre as mais importantes e antigas no ramo das indústrias de máquinas do Rio Grande do Sul. Fundadores de grandes casas de comércio, incluindo exportação e importação de produtos, os Bromberg, ampliaram relações com Hamburgo na Alemanha. A aquisição de terras no balneário da Pedra Redonda se insere nesse universo de teutos brasileiros na zona sul de Porto Alegre. A chácara de veraneio da família era uma das mais belas da região. Com uma infraestrutura completa montada para o lazer e o descanso, Waldemar e família podiam usufruir do espaço à beira rio, inclusive nos finais de semana.



Figura 4: As famílias Booth e Bromberg na Pedra Redonda/1910.
Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Conforme relata Lilian, descendente dos Bromberg (2013, [s.p.]):

O meu avô Waldemar, que nasceu na Alemanha, veio para cá como comerciante, ele fez parte do grande comércio da firma Bromberg S/A. E o vínculo dele com a Pedra Redonda é que ele comprou um pedaço de terra, fundos para praia, e aqui montou a sua casa, e passou a veraneiar. Ele tinha uma casa na Mostardeiro, 27 e durante os fins de semana e no verão passava aqui na casa da praia.



Figura 5: Residência de veraneio de Waldemar Bromberg/1900.
Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Para a historiadora Helga Piccolo, moradora do bairro Vila Conceição e usuária do rio, o desenvolvimento econômico da zona sul foi desencadeado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães, os quais adquiriram as primeiras chácaras na região:

A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. O mar (Torres) era muito longe. A Tristeza tinha até hotéis, que eram de propriedade dos alemães, todos empresários de origem germânica: donos de hotéis, restaurantes, armazéns e até de transporte coletivo (PICCOLO, 2013, [s.p.]).

Conforme carta deixada por Martha Elisabeth, descendente das famílias Bercht e Dreher (DREHER, 1979), comprova-se o hábito dos alemães de adquirir terras na zona sul:

Como aconteceu com muitos porto-alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras situada defronte à chácara Meyer, pertencente aos descendentes da família de Oscar Bastian Meyer na Pedra Redonda (DREHER, 2012, [s.p.]).



Figura 6: Os Dreher na praia da Pedra Redonda/1920.
Fonte: Acervo da Família Dreher.

Essa aquisição ocorreu nos anos de 1920. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Zona Sul, alterando assim a rotina. Fato semelhante aconteceu com a família Silveira, proprietária de terras na encosta do Morro do Sabiá, uma área verde ainda hoje bastante preservada, possuindo belos exemplares de Mata Atlântica. Na década de 1950, desejoso de uma casa para aproveitar os fins de semana, José Schmitt Silveira adquiriu a chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha. O imóvel, que, à primeira vista, chamou a atenção de Silveira, situava-se na encosta do Morro do Sabiá. Era uma linda propriedade arborizada à beira rio, perfeita para o descanso e o lazer. Falecido em abril de 2013, José Silveira Schmitt deixou registradas suas reminiscências, por meio de um depoimento concedido à autora em janeiro. Nessa entrevista, Schmitt relembra os antigos veraneios da família:

No verão, as famílias se reuniam nos fundos das propriedades, para aproveitar os banhos de rio. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos vinham com a intenção de aproveitar o rio. O Guaíba era balneável e nas suas águas meus filhos mais velhos aprenderam a nadar, recebendo aulas de uma professora de natação que residia nas redondezas. Nos dias quentes e de sol, o programa preferencial era entrarem na água e ali ficarem se divertindo e refrescando-se. Dentro do rio, próximas às margens, localizavam-se pedras de diferentes tamanhos e formatos, umas redondas, outras ovais. Mais adiante, sobressaía, entre tantas, uma de maior porte, a 'pedrona', como nós a denominávamos. Era uma vitória chegar até ela. Em ocasiões de Guaíba mais cheio, só a nado se alcançava a 'pedrona' (SILVEIRA, 2013, [s.p.]).



Figura 7: Chalé de verão de José Schmitt Silveira/1950.
Fonte: Acervo da Família Schmitt.

A existência de um trem municipal facilitava a chegada dos grupos. Conhecida por “Estrada de Ferro do Riacho”, pois seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio, a ferrovia atendia alguns balneários da zona sul. Era uma linha ferroviária que percorria, desde o centro de Porto Alegre até a Tristeza, cerca de quatorze quilômetros. “O trenzinho, como era conhecido, consistia em uma locomotiva maria-fumaça pequena que puxava dois ou três vagões e que trafegava de duas a quatro vezes por dia, dependendo da época do ano” (MACHADO, 2010, p. 79). Inicialmente, o trem foi usado para transportar pedras e os recipientes do serviço de asseio público da cidade, só mais tarde é que o mesmo foi utilizado para passageiros. Alguns historiadores, entre eles Sérgio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido à ferrovia que alguns bairros da Zona Sul progrediram, convertendo-se em zonas de veraneio da cidade.

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Pedra Redonda, Conceição e Assunção, as quais integravam o bairro Tristeza, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense. A praia da Pedra Redonda recebeu esse nome devido ao formato das rochas que emolduram a orla. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos onde as pessoas também chegavam por barcos.

Vizinha da Pedra Redonda, a Vila Conceição também propiciou diversão e descanso aos moradores ocasionais. O veraneio limitou-se à “Prainha”, local à beira rio onde os veranistas costumavam banhar-se nos dias quentes de verão. Conforme relembra Piccolo: “Lá embaixo, perto do rio, eram as casas de veraneio – tem a famosa Prainha da Conceição onde



tomávamos banho. (...) descíamos a rua e íamos de toalha e sabonete tomar banho na praia. A água do Guaíba era limpa” (PICCOLO, 2013, [s.p.]).



Figura 8: Helga Piccolo na Prainha da Conceição/ 1950.
Fonte: Acervo da Família Piccolo.

O loteamento do bairro/balneário ficou a cargo de Antônio Monteiro Martinez em 1930. Em homenagem à sua esposa Zulmira, devota de Nossa Senhora da Conceição, Martinez idealizou e criou o novo loteamento, nomeando-o de Vila Conceição. A região configurou-se em poucos moradores, como é até hoje, sendo a maioria de origem alemã:

Quando eu vim para cá, em 1945, eu diria que de cem famílias, 90 eram alemãs. Aqui na Conceição. Porque os italianos, na realidade, instalaram-se do outro lado da Avenida Wenceslau Escobar. Era uma coisa interessante: os alemães do lado de cá, do lado do Guaíba, e os italianos, do lado de lá, principalmente porque eles eram agricultores (PICCOLO, 2013, [s.p.]).

As praias da Vila Assunção foram descobertas em torno de 1900. Anteriormente a essa data, o local era conhecido por abrigar o porto do Dionísio (nome do sesmeiro da zona sul), e, posteriormente, a fazenda de José Joaquim Assumpção. As terras de Assumpção também abrigavam uma charqueada com olaria e pedreira. Em torno dos anos trinta do século passado, toda a região foi loteada, seguindo uma concepção moderna de urbanismo conhecida como “cidade jardim”. A ideia era aproveitar as vantagens do campo com as da cidade, desenvolvendo o conceito de “bem morar”. Assim, em 1937, as terras então pertencentes à Filisbina Maciel, viúva de Assumpção, foram negociadas com a empresa Di Primo Beck, responsável pelo projeto de loteamento da área. Assim divulgaram os jornais da época:



Vila Assunção – o balneário aristocrático – como muito bem foi cognominado, continua sendo o ponto de preferência da principal sociedade porto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, pois data de fins de 1938, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios – drs. Anibal e Ernesto di Primio Beck – aliados à boa vontade e da sucessão Assunção, antigos proprietários do local. (...) Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obteve aos contornos do rio Guaíba, com uma vistosa amurada a servir de apoio entre os largos passeios e a praia propriamente dita (SCHINDROWITZ, 1942, [s.p.]).

Desta forma, a região da Tristeza tornou-se zona de veraneio muito antes de Ipanema. O Balneário Ipanema surgiria somente nos anos 1930 com o empreendedorismo de Osvaldo Coufal e sócios. Utilizando-se de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa no Rio de Janeiro, o loteador denominou as ruas e ao balneário com a mesma nomenclatura daqueles locais cariocas. Coufal tencionava transformar Ipanema em um ponto turístico importante de Porto Alegre. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a orla, a remodelação ficou sob responsabilidade de Ubatuba de Faria, conhecido engenheiro e projetista da época.

Seguindo todas as normas estéticas de um moderno urbanismo, o projeto do novo balneário traçou ruas e definiu lotes os quais obedeciam a um planejamento moderno e arrojado. O projeto priorizou a preservação das matas, entre elas, os majestosos e centenários eucaliptos, os quais se mantiveram na região até meados dos anos 1980. O anúncio e as ilustrações abaixo mostram como a divulgação do balneário foi importante para a venda dos primeiros terrenos em Ipanema:

Balneário Ipanema: terrenos em prestações – sem juros – ruas calçadas, arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta. Magnífica praia de areia. (...) Ruas largas, amplas avenidas recortam esse soberbo recanto da capital, destinado a transformar-se na mais agradável estação de veraneio da população porto-alegrense. A Avenida Guahyba, com 20 metros de largura e 600 metros de extensão, com o seu calçamento já em activa execução constitue o atractivo mais elegante entre todas as nossas estações balneárias (CORREIO DO POVO, 1931).



Figura 9: Divulgação do Balneário Ipanema/1931.

Fonte: Correio do Povo/Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Maria de Lourdes Mastroberti, frequentadora assídua do balneário nos anos 1950, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do rio, fazendo piqueniques com as amigas. “Com dia bonito, a gente ia para aproveitar a praia. E tinha aquelas famosas barraquinhas – entrava nelas, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô na praia” (MASTROBERTI, 2010, [s.p.]).

As águas do Guaíba eram limpas, e por conta disso, a população podia banhar-se e refrescar-se nos dias quentes, conforme relembra o historiador e morador de Ipanema desde 1940, Harry Rodrigues Bellomo: “Eram tão limpas que se podia ver os peixinhos. Grupos de esportistas praticavam natação no Guaíba pois, nesse tempo, as águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais” (BELLOMO, 2008, [s.p.]).

Na beira do rio, a Avenida Guaíba margeava a grande enseada, formando o balneário, onde os primeiros moradores construíram suas casas de veraneio, os chalés. Muitas eram casas de madeira, próprias para o verão, porém, havia aqueles que preferiam construir belas moradias, mais confortáveis e luxuosas, como é o caso das residências de Coufal e Agrifóglia. É importante salientar que, a partir dessas construções no bairro Ipanema, pioneiras na época, inaugura-se a modernidade na arquitetura em Porto Alegre.



Figura 10: Maria de Lourdes Mastroberti na Praia de Ipanema/1955.
Fonte: Acervo da Família Mastroberti.

A partir dos anos 1940, Ipanema se tornou um balneário muito atraente. No verão, crianças costumavam brincar à beira da praia, sempre com suas babás por perto, período em que o rio convidava para um mergulho e um banho de sol. Sobre esses momentos de calor e lazer, relembra Fernando Gay da Fonseca:

Tanto eu quanto minha mulher tínhamos paixão por Ipanema, como eu ainda tenho. Meus pais tinham também. Meu pai era da Viação Férrea. Era engenheiro. Ele viajava muito. No verão, quando chegava, fosse dia, fosse noite, ele ia pra dentro do rio. E chamava os amigos para irem ao banho com ele. A família toda. Mesmo à noite, ele levava todo mundo. Inclusive quando nós só veraneávamos aqui (FONSECA, 2010, [s.p.]).

Fernando Gay da Fonseca relembra ainda que, durante a semana, a calma estimulava os proprietários das residências da Avenida Guaíba, profissionais liberais bem sucedidos, entre eles, engenheiros, médicos e políticos, para encontros e conversas nas varandas dos chalés:

O trenzinho descia por debaixo da ponte. Tanto que o Loureiro da Silva queria, tinha um projeto de uma avenida que substituía os trilhos do trem. Ele queria muito alargar isso tudo aqui. Tinha encantos também por Ipanema. Loureiro veraneou aqui por dois ou três anos. Ele adorava sentar aqui. Vinha me ver todos os dias quando eu estava veraneando. E sentávamos no avarandado do chalé. (FONSECA, 2010, [s.p.])



Figura 11: Filhos de Fernando Gay da Fonseca na praia de Ipanema/1950.
Fonte: Acervo da Família Fonseca.

No final da década de 1950, Ipanema continuará a ser muito procurado, também nos finais de semana e aos domingos, pois entre os bairros margeados pelo rio, ele era o único que apresentava avenida e praia, e uma linha de ônibus que chegava do centro da cidade. Esse moderno urbanismo que se iniciava no bairro Ipanema e na Assunção estava associado ao momento vivido por Porto Alegre naquele acelerado surto de transformações e conquistas de novas áreas de crescimento para a cidade.

Considerações finais

As novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos no local, fizeram dos balneários da zona sul, pontos de encontro e de entretenimento na região. Pela pesquisa, foi possível recuperar as histórias de um lugar e de um tempo do passado, e, a partir dessa análise, trazer, para o presente, novos conhecimentos acerca da cidade. O estudo partiu de uma coleta de informações, tendo por base os depoimentos de moradores antigos e veranistas dos balneários analisados.

Pode-se considerar que o processo de ocupação da orla da zona sul remonta ao início da colonização, no século XVIII, quando os primeiros fazendeiros edificaram suas residências com plantação e criação à beira rio. Nesse período, no entanto, a importância do rio para usos de lazer e descanso ainda não estava associada ao dia a dia da população porto-alegrense. Somente no final do século XIX e início do XX é que a ideia de veranear se



incorporaria aos usos e costumes da região. É importante mencionar que foi a partir do advento da Estrada de Ferro do Riacho, que o movimento se intensificou, impulsionando o veraneio na zona sul de Porto Alegre.

Surge, neste período, uma nova cultura urbana, voltada para o lazer e para o descanso do porto-alegrense. Apesar de a cidade ter lhe dado às costas anos depois, o rio foi, naquele período, uma alternativa para atenuar o forte calor do verão, propiciando à população momentos agradáveis. Conforme Franco, “os porto-alegrenses sempre gozaram os favores de seu rio, banhando-se nele e praticando toda a sorte de lazeres aquáticos. Da Tristeza até Belém Novo, surgiu todo um cordão de aprazíveis balneários” (FRANCO, 2008, p. 105).

Assim, o aproveitamento das águas do rio para banhos e lazer da população em temporadas de calor e férias foi a tônica na primeira metade do século XX, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. O deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, não somente do crescimento da população de Porto Alegre e da procura por lazer, como também pela dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho. As longas distâncias e a precariedade das estradas e dos automóveis dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas.

A procura acentuada pelas praias do Guaíba, intensificada por melhorias urbanísticas implantadas, possibilitou o desenvolvimento de bairros como Ipanema e Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao lazer, com a construção de hotéis, restaurantes, cinemas, clubes e a melhoria nos meios de transporte. Os balneários da Assunção, Conceição, Pedra Redonda e Ipanema se constituíram em locais de recreio, os quais passaram também a ser utilizados como espaços sociais, pois era onde uma elite proveniente de imigrantes podia expandir seus laços de sociabilidades e de negócios.

É importante ressaltar também, que, a partir do final do século XIX, o desenvolvimento econômico que tinha nas atividades agrícolas sua origem, altera-se em função do veraneio na região. Os negócios, a exploração do turismo e os serviços relacionados a ele, permitiram que a zona sul despontasse no cenário da cidade. Em torno dos belos cenários à beira rio e de uma natureza preservada, definiram-se modos e práticas sociais associados a uma elite ascendente de Porto Alegre.

Desta forma, considerando-se todos esses aspectos, a história dos primórdios da Zona Sul de Porto Alegre, bem como de seu veraneio nas águas do Guaíba, remetem a um tempo que perfaz mais de duzentos anos, o que atesta uma história de longa duração, a qual merece



ser divulgada e, principalmente, preservada. Conforme Franco, “uma cidade só existe, torna-se palpável, adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Sem passado não há história, sem história perde-se a identidade e o futuro” (FRANCO, 2006, [s.p.]). É fato que a história de uma cidade é um verdadeiro legado para as futuras gerações, importante resgate não só para a comunidade local, como também para os historiadores e pesquisadores. Uma peça que se soma a outra, formando assim um mosaico que constitui a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças dos velhos. SP: Cia das Letras, 1994.
- CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 22 out. 1931.
- DREHER, Martha Elisabeth. **Carta escrita em 1970**. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].
- DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979
- FLORES, Hilda. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- JANETE & PORTO ALEGRE. Blog. Disponível em: <<http://janeterm.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: origem e crescimento**. Porto Alegre: Sulina, 1968.
- MACHADO, Janete da Rocha. **História da via férrea na zona sul de Porto Alegre**. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.1, p. 78-91, junho/2010.
- MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DE COSTA. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010.
- MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, 1993.
- PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. v. 1. Porto Alegre: Editora do Autor, 1979.
- PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3.
- SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. **Dissertação** (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.



Entrevistas

- BELLOMO, Harry Rodrigues. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, mar. 2008.
BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, fev. 2013.
FONSECA, Fernando Gay da. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, dez. 2010.
LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, fev. 2013.
MAGALHÃES, Teresa Terra. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, jul. 2012.
MASTROBERTI, M. Lourdes. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, jan. 2010.
PICCOLO, Helga Landrag. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, jan. 2013.
SCHMITZ, Maria Helena Luce. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, mar. 2011.
SILVEIRA, José Schmitt. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, jan. 2013.

Recebido em Julho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.